

Do outro lado da minha janela...

Karen Luciélen Pereira Rodrigues

Todos os dias, no final da tarde, passava uma “carruagem – carroça” pela minha janela, sempre, quando eu escutava os gritos contagiantes de felicidade, eu corria para ver quem era...

-Olha lá! Uma voz dizia. Cuidado! A outra exprimia. Com muita curiosidade para rua eu sempre ia.

Um certo dia, um menino me viu e disse: - Oi tia, cê tem um brinquedo pra me dar? Olhei para dentro da minha janela e disse: - Só um pouco que eu vou olhar.

Era uma pena, eu não tinha nada de brinquedos, mas eu sabia brincar. Então, eu disse: - Eu não tenho nada, mas se você quiser posso te ensinar uma brincadeira. Então, ele falou: - Poxa vida, queria mesmo era um carrinho pra eu não precisar procurar um na lixeira.

Na hora entristeci, meu coração ficou fraquinho, com os olhos marejando e disse só um pouquinho. Entrei dentro de casa e chorei bastante, mas quando olhei pela janela, só havia uma criança feliz e saltitante. Então, fui para fora e disse: -Só um instante! Quem sabe pegamos garrafas e outras coisas e fazemos um carrinho, e ele disse: - Ô tia, agora? E eu falei: - É rapidinho.

Então, ele me puxou pelo braço e falou: - Eu sei onde tem garrafas. Fomos até a esquina e pegamos as que estavam do lado da lixeira no final da quadra e, na frente do prédio, fizemos a maior algazarra.

Os seus pais que estavam longe, procurando coisas “importantes” nas lixeiras, acharam estranha a demora do menino, voltaram rapidamente e perguntaram: - Ô Joaquim, que cê tá fazendo aí? E ele respondeu: - Tô fazendo um carrinho com essa tia aqui.

Então, eles chegaram perto para ver o que era e, junto de toda bagunça, havia uma criança muito esperta, construindo seu carrinho com seus achados da lixeira, que se transformaram em outras coisas. Seus pais ficaram impressionados com as habilidades que ele tinha, que, feliz, ele dizia: - Agora, eu tenho um carro pra brincar todo dia!

Joaquim, como é chamado, pegou seu carro e saiu andando, lá de longe, enquanto andava, virou para trás e me abanou com os olhos brilhando.

No fim de tudo, guardaram suas coisas, fizeram carinho no cavalo, subiram em sua “carruagem - carroça” e seguiram seu caminho.

No outro dia, tudo que eu escutava era: - olha mãe, como corre meu carrinho. Enquanto seus pais garantiam o almoço do domingo, o menino podia ser criança, pelo menos, um pouquinho.